

# A gramaticalização de formas não-finitas como evidência da motivação conceptual do léxico

Lilian Vieira Ferrari\*

## Abstract

---

This paper concentrates on the conceptual motivation for a group of prepositions/conjunctions in portuguese which came from non-finite verb forms in latin.

It is argued that prepositions such as durante, exceto and segundo went through a process of grammaticalization, related to specific metaphorical mappings semantically based on human sensory-motor experience.

---

## 1. Introdução

Pesquisas recentes têm apontado o sistema conceptual que emerge da experiência cotidiana como básico para o estudo da semântica das línguas naturais (Berlin & Kay 1969, Kay & MacDaniel 1978, Rosch 1977, Clark 1976, Lakoff & Johnson 1980, Lakoff 1987). Mais especificamente, pesquisas em semântica histórica revelaram que a mudança semântica é estruturada pela cognição. Traugott (1982) demonstrou que, diacronicamente, o vocabulário temporal emerge do vocabulário espacial. Sweetser (1990) mapeou as rotas históricas relacionadas aos verbos de percepção visual em inglês, demonstrando que as fontes semânticas desses verbos provêm de itens relacionados à manipulação ou toque físico (ex Ing.. perceive "perceber" < Lat. -cipio "segurar"). Em geral, parece claro que domínios abstratos do significado derivam seu vocabulário de domínios mais concretos.

---

\* Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

Este artigo enfoca a interação entre motivação conceptual e gramática, investigando processos de mudança semântica e sintática que levaram um grupo específico de formas latinas não-finitas a se gramaticalizarem como preposições/conjunções em português. Mais concretamente, busca-se argumentar que preposições/conjunções tais como durante, exceto, segundo (cujas raízes etimológicas situam-se, respectivamente, nos participio presente, participio passado e gerundivo latinos) atestam o princípio cognitivista de que a língua não representa diretamente as propriedades e relações das entidades do mundo, mas reflete precisamente aspectos da cognição humana tais como processos figurativos metafóricos e metonímicos, enquadres semânticos, espaços mentais, entre outros (Sweetser & Fauconnier 1996).

As seções que compõem o presente artigo estão organizadas da seguinte forma: a seguir, estabelece-se um breve resumo dos modos pelos quais o processo de gramaticalização tem sido discutido na literatura, destacando-se alguns aspectos relevantes para a análise em pauta. Na seção 3, abordam-se algumas propostas em lingüística cognitiva referentes à representação semântica das categorias gramaticais. Na seção 4, serão apresentadas as características gerais do sub-grupo de preposições/conjunções em português que procedem de formas não-finitas. A seção 4.1 apresenta a análise dos itens durante, exceto e segundo, detalhando-se o enquadre semântico e os processos cognitivos subjacentes ao processo de gramaticalização de cada uma das formas. Na seção 4.2, características sintáticas relacionadas a esses processos são discutidas.

## 2. O fenômeno da gramatização

A idéia de que morfemas gramaticais derivam de formas lexicais acha-se presente no estudo dos fenômenos lingüísticos desde o século XVIII (E.B. Condillac, J.H. Tooke, entre outros). A lingüística histórica alemã do início do século XIX (Bopp, Von Humboldt, Schleicher) e, posteriormente, os neogramáticos (Paul, Bréal, Meyer-Lübke, Meillet) apresentaram evidências de que, nas línguas indo-européias, morfemas flexionais resultam da afixação de palavras anteriormente independentes. Esse processo foi denominado “gramaticalização” por Meillet (1912).

Os últimos vinte anos não apenas viram ressurgir o interesse pelo estudo dos modos pelos quais formas gramaticais emergem de formas lexicais, mas também o estabelecimento da investigação dos processos envolvidos na progressão de formas gramaticais para estágios mais gramaticalizados (Givón 1975, Heine & Reh 1984, Lehmann 1982, 1985, Hopper 1991, Traugott & Heine 1991, Hopper & Traugott 1993).

Heine e Reh (1984, 269-81) forneceram uma lista detalhada de fenômenos de gramaticalização em línguas africanas, envolvendo as seguintes mudanças: pronomes demonstrativos tornam-se artigos e marcadores de classe; verbos de ligação e de movimento transformam-se em morfemas aspectuais; nomes indicando espaço tornam-se adposições e eventualmente afixos de caso. Essas mudanças são agora ricamente documentadas na literatura, demonstrando relevância universal.

Hopper & Thompson (1984) mostraram que nomes e verbos podem assumir funções adverbiais e preposicionais. Em português, podemos citar como exemplos correspondentes aos apresentados por esses autores para o inglês o nome **face**, que passa a integrar a locução prepositiva **em face de** (sua face está pálida/ em face dos novos acontecimentos...) e o verbo **ver**, que em sua forma participial integra a locução conjuntiva **visto que** (Eles viram os faróis / Visto que eles não enviaram a carta...)

Hopper (1991) analisa o caso da partícula de negação “pas” em francês. Historicamente, a partícula de negação original era “ne”, e nomes como “pas” (passo) poderiam reforçar a negação. A proposta é que o nome atuava como um reforço de verbos de locomoção (“Ele não anda um passo”), indicando “quantidade mínima”. Na trajetória diacrônica, seu uso expandiu-se a outros verbos, gramaticalizando-se como uma verdadeira partícula negativa.

Vale destacar que o ponto comum entre esses estudos é o interesse pelo fato de que tais processos percorrem trajetórias universalmente definidas. Do ponto de vista sintático, observa-se mudança categorial em sentido unidirecional: de categorias cardeais (nomes e verbos), passando por categorias intermediárias (adjetivos e advérbios), até chegar às categorias menores (preposições, conjunções, verbos auxiliares, etc). Do ponto de vista semântico, verifica-se que as palavras selecionadas para o processo de gramaticalização não são aleatórias, mas refletem estratégias básicas de mapeamento cognitivo que têm como ponto de partida a experiência humana concreta.

A esse respeito, vale cita o trabalho de Sweetser (1990), que aponta vários mapeamentos metafóricos subjacentes às mudanças semânticas que se refletem em redes polissêmicas sincrônicas. Por exemplo, a partir da metáfora VER É COMPREENDER explica-se a polissemia do verbo “to see” em inglês (bem como do verbo “ver” em português), que apresenta sentido perceptual (“Maria viu o mar”) e sentido epistêmico (“Eu não vejo a lógica desse argumento”).

## 3. Estrutura Semântica

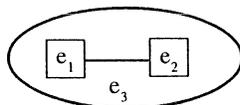
Se os trabalhos referentes ao fenômeno da gramaticalização apontaram as regularidades existentes nas mudanças semânticas e categoriais a que determinados itens lexicais se viam submetidos diacronicamente, deve-

se à lingüística cognitiva o estabelecimento de instrumentos analíticos importantes para a compreensão de tais fenômenos.

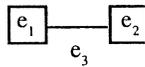
Os trabalhos de Langacker (1987, 1991), Lakoff (1987), Sweetser (1990) e Fauconnier (1985, 1994) destacam-se entre os que forneceram embasamento relevante para o tratamento de fenômenos ligados à representação semântica e aos processos figurativos de mapeamento de estruturas conceptuais. A concepção central que permeia os referidos trabalhos é a de que a gramática não constitui um nível formal autônomo de representação, mas é de natureza simbólica, consistindo na convencionalização da estrutura semântica.

Com relação às categorias lingüísticas, Langacker (1987) propõe que as predicções podem ser **nominais** ou **relacionais**. A predicção nominal designa um objeto; as predicções relacionais podem designar processos (verbos) ou relações atemporais (adjetivos, advérbios e preposições).

Ao estabelecer que predicções nominais designam objetos, Langacker especifica que objeto é “uma região em um determinado domínio”; e região, por sua vez, é caracterizada abstratamente como um conjunto de entidades interligadas. As predicções relacionais também envolvem interligações, tal como as predicções nominais, mas colocam as interligações em destaque (ao invés de simplesmente pressupor que elas são partes da base). Contraste-se representação semântica da predicção nominal GRUPO e da predicção relacional PERTO:



GRUPO

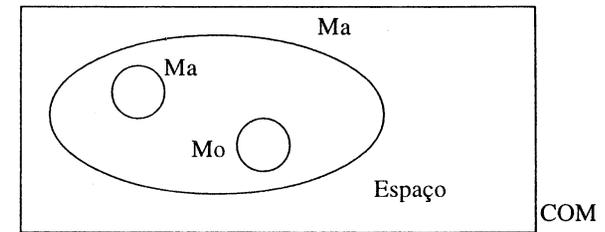


PERTO

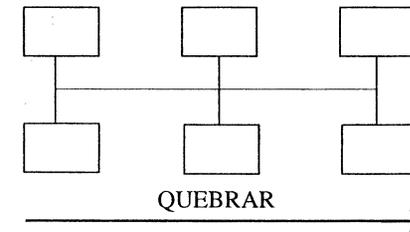
Considerando-se que  $e_3$  representa proximidade espacial, verifica-se que GRUPO destaca uma entidade unitária, já que a interconexão entre constituintes não está em proeminência. Em contraste, PERTO é relacional, destacando justamente os eventos e suas interconexões.

Em quase todos os predicados relacionais, observa-se uma assimetria entre os participantes destacados. Um deles, chamado Móvel (Mo) tem status especial, sendo caracterizado como a figura em um enquadre relacional. Outras entidades salientes em um predicado relacional são os Marcos (Ma), assim chamados por estabelecerem pontos de referência para a localização do Móvel.

É comum existirem múltiplos marcos em um predicado relacional. Observemos a preposição COM, que situa o móvel na vizinhança do marco (a própria vizinhança pôde ser vista como um tipo de marco):



Com relação aos predicados relacionais que envolvem processos, Langacker (1987) propõe a seguinte representação genérica:



A seta indicando tempo representa o perfil temporal do processo, que designa uma série contínua de estados distribuídos ao longo do tempo.

#### 4. Perfis Etimológicos

Em latim, as chamadas formas nominais do verbo eram o infinitivo, o supino, o particípio presente, o particípio passado, o gerúndio e o gerúndio (Faria 1985). A língua portuguesa manteve apenas o infinitivo, o particípio passado e o gerúndio, mesmo assim com um rearranjo das funções desempenhadas por essas formas. O gerúndio, por exemplo, guardou a forma ablativa, mas passou a exercer as funções do particípio presente latino (Ferrari 1997).

Das formas extintas, a língua portuguesa guardou alguns resquícios, como é o caso dos adjetivos em *-nte*, provenientes do particípio presente (ex. *envolvente, eloqüente*, etc). Além disso, mesmo com relação às formas nominais do verbo que se mantiveram na língua, verifica-se que há um sub-grupo de itens que atua sincronicamente apenas como preposição/conjunção (constraste-se *Exceto ele, todos foram excluídos do plano* com *\*Ele foi exceto do plano*).

Na verdade, o domínio lexical referente a preposições e conjunções em português mostra-se bastante profícuo com relação a itens oriundos de

formas latinas não-finitas. Entre as palavras listadas por Cunha e Cintra (1985, p.543) como preposições acidentais (“*certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições*”), mais da metade é proveniente de particípio presente, particípio passado e gerundivo latinos. A Tabela 1 abaixo destaca as ocorrências:

Tabela 1 - Perfis Etimológicos de preposições/conjunções provenientes de formas latinas não-finitas

LATIM		PORTUGUÊS
<b>Verbo</b>	<b>Particípio Presente</b>	<b>Preposição/Conjunção</b>
Consonare	Consonan, -ntis “Ressoar juntamente, retumbar”	Consoante (prep/conj)
Durare	Durans, -ntis “Tornar-se duro” “Conservar-se em determinado estado”	Durante (prep)
Consequor	Consequens, -ntis “Seguir, ir em seguida a”	Por conseguinte (conj)
Mediare	Medians, -ntis “Localizar-se no meio”	Mediante (prep)
Obstare	Obstans, -ntis “Colocar obstáculos no caminho”	Não obstante (prep/conj)
<b>Verbo</b>	<b>Particípio Passado</b>	<b>Preposição</b>
Excipere (Ex+Capio)	Exceptus, -a, -um “Por à parte, por de lado”	Exceto
Salvare	Salvus, -a, um “Manter inteiro, intacto”	Salvo
<b>Verbo</b>	<b>Gerundivo</b>	<b>Preposição</b>
Sequor	Secundus, -a, -um “Vir depois, seguir”	Segundo

Do ponto de vista semântico, o que todas as formas latinas acima têm em comum é o fato de codificarem noções de base espacial, tais como características físicas e experiências sensorio-motoras. Do ponto de vista sintático, são categorias fronteiriças entre verbo e adjetivo.

Constatada essa regularidade, a tarefa que se impõe é identificar o modo pelo qual as características sintáticas e semânticas mencionadas possibilitaram os mapeamentos metafóricos subjacentes à gramaticalização desses itens como preposições/conjunções.

#### 4.1. Características Semânticas

O argumento a ser desenvolvido nesta seção é o de que características semânticas específicas das formas selecionadas permitiram os mapeamentos conceptuais necessários para a abstratização desses itens, possibilitando-lhes o comportamento relacional característico das preposições/conjunções.

Como já foi ressaltado, todas as formas apresentadas na Tabela 1 acima provêm de raízes verbais cujo sentido baseia-se na experiência concreta de natureza sensorio-motora. Portanto, a base semântica das preposições/conjunções listadas é eminentemente espacial. Esse fenômeno, obviamente, não é aleatório, mas reflete características cognitivas específicas dos seres humanos que motivam as mudanças semânticas. Entre essas características, destacam-se os mapeamentos metafóricos, que possibilitam a referência a fenômenos abstratos a partir de fatos concretos.

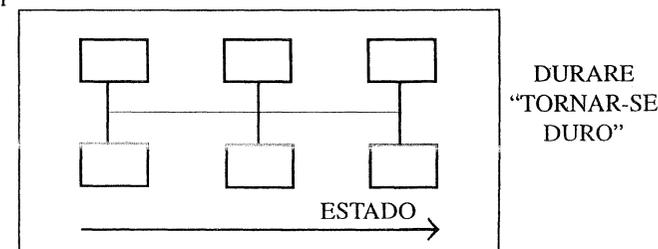
Com relação às preposições/ conjunções discutidas no presente trabalho, deduz-se que a base concreta da qual se originam possibilitou o estabelecimento de mapeamentos metafóricos, que geraram seus usos abstratizados. A seguir, destacarei as preposições *durante*, *exceto* e *segundo*, com o objetivo de ilustrar o processo em questão.

##### 4.1.1. Durante

A preposição *durante* provém do particípio presente do verbo *durare* em latim, que apresenta como significado básico a idéia de “tornar-se duro” e, por extensão, “conservar-se em determinado estado”.

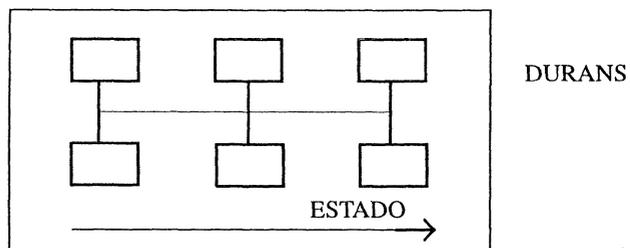
A representação semântica do verbo em latim é, portanto, processual, que designa uma série contínua de estados distribuídos ao longo do tempo:

Fig 1



O particípio presente referente ao mesmo verbo tem como base a predicação processual, mas destaca apenas a relação atemporal, como ilustra a Fig.2:

Fig. 2

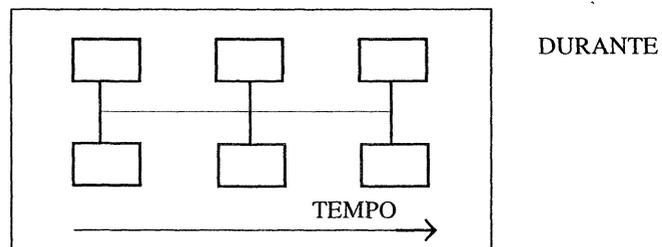


No português contemporâneo, “durante” apresenta sentido nitidamente temporal, como ilustram os exemplos abaixo:

- (1) *Durante* as férias, ele viajou.
- (2) Ele nunca bebe água *durante* as refeições.

Observa-se, portanto, que o uso temporal já representa uma abstratização do uso espacial inicial. Pode-se sugerir que a metáfora TEMPO É ESPAÇO atuou, de forma que “aquilo que se conserva fisicamente no espaço” é também concebido como “algo que se conserva no tempo”. A representação semântica seria a mesma da Figura 2, sendo que o domínio passa a ser temporal. Observemos a Figura 3 a seguir:

Fig 3

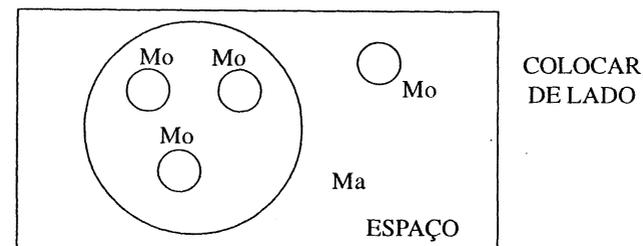


As evidências acima permitem concluir que a preposição *durante* é fruto de um processo de gramaticalização, visto que houve em sua trajetória mudança semântica (estado físico > tempo) e categorial (adjetivo verbal > preposição).

#### 4.1.2. *Exceto*

A preposição *exceto* provém do particípio passado de *excipio* (ex+capio), que significa “por à parte, por de lado”. A representação semântica do particípio passado *exceptus*, -a, -um é o resultado final do processo indicado pelo verbo:

Fig 4



Ao gramaticalizar-se como preposição em português, o particípio serviu de base para o mapeamento metafórico COLOCAR DE LADO É EXCLUIR. A representação semântica da preposição mantém-se a mesma do particípio passado latino, porém a idéia abstrata de exclusão passa a ser mapeada a partir do arranjo espacial específico ilustrado pela Fig. 4, como ilustra o exemplo a seguir:

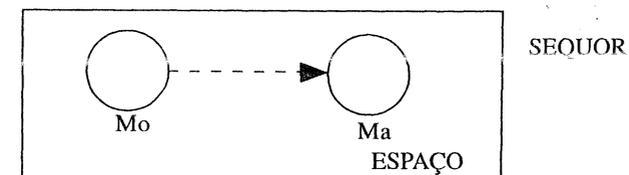
- (3) *Exceto* João, todos viajaram.

No exemplo acima, a preposição *exceto* sinaliza que tomando-se o grupo dos que viajaram como marco, João situa-se abstratamente à margem desse grupo.

#### 4.1.3. *Segundo*

A preposição *segundo* é oriunda do verbo “sequor” (seguir) em sua forma gerundiva “secundus” (Rocha 1997). Trata-se, portanto, de um processo de base espacial, que pode ser representado da seguinte forma:

Fig 5

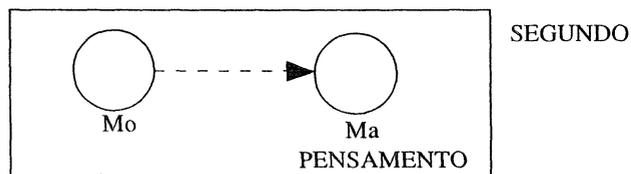


No processo de abstratização que gerou a preposição *segundo*, a metáfora relevante parece ter sido PENSAMENTO É VIAGEM. Portanto, assim como no domínio espacial um viajante segue o outro, no domínio epistêmico, pode-se “seguir” as idéias de alguém. É o que reflete a sentença abaixo:

(4) **Segundo** Lakoff, a gramática estrutura-se a partir de categorias radiais.

A Fig 6 representa o mapeamento da Fig 5 no domínio do pensamento:

Fig 6



Aplicando-se a representação acima à sentença (4), tem-se as idéias de Lakoff como marco em relação às idéias do próprio falante.

#### 4.2. Características Sintáticas

Explicitadas as características semânticas e mudanças metafóricas que atuaram no processo de abstratização dos significados envolvidos, a seguinte pergunta torna-se relevante: *Por que o processo de mudança categorial teria tomado por base formas não-finitas, fronteiriças entre verbo e adjetivo?*

É interessante notar que proponentes de diferentes teorias gramaticais concordam quanto ao fato de que nomes e verbos são categorias básicas que, de certa forma, opõem-se maximamente. Por exemplo, Ross (1972) colocou nomes e verbos em extremos opostos de sua escala categorial, encaixando como classes intermediárias adjetivos e preposições. Do mesmo modo, a teoria da regência e ligação comumente representa nomes como [+N, -V], verbos como [-N,+V], e adjetivos e preposições como [+N, +V] e [-N, -V], respectivamente. Embora a proposta da linguística cognitiva seja radicalmente diferente dessas abordagens por oferecer uma caracterização explícita de nomes e verbos em termos de seus conteúdos conceituais inerentes, chega-se à mesma conclusão de que tais elementos encontram-se em oposição polar em virtude de suas naturezas fundamentais.

O traço comum a verbos e preposições é [-N], que pode ser interpretado como capacidade de atribuir caso. Isso talvez explique o fato

de que um adjetivo deverbal e não um simples adjetivo transforme-se em preposição. Por outro lado, o adjetivo tem em comum com a preposição o fato de estabelecer relações atemporais. Por esse motivo, uma forma adjetival é mais adequada a exercer o papel de preposição do que um verbo flexionado. Conclui-se, portanto, que adjetivos deverbais são particularmente talhados para o desempenho de funções preposicionais, na medida em que realizam a dupla função de atribuir caso e sinalizar relações atemporais.

#### 5. Considerações Finais

As análises apresentadas acima objetivaram demonstrar que o processo de gramaticalização não pode ser devidamente compreendido se a língua for encarada como objeto autônomo. Ao contrário, verifica-se que a mudança sintática está fortemente vinculada à mudança semântica que, por sua vez, é motivada por processos cognitivos de base figurativa.

O fato de que vários itens oriundos de formas latinas não-finitas desempenhem hoje em português o papel de preposições/conjunções mostra que há regularidades que precisam ser explicadas. Neste trabalho, foi possível estabelecer as seguintes generalizações:

- a. A mudança categorial de *adjetivo deverbal* (participios presente e passado, gerundivo) para *preposição/conjunção* foi produtiva na trajetória diacrônica do latim ao português.
- b. A mudança semântica apoiou-se regularmente em bases espaciais, elegendo como alvos diferentes domínios abstratos (tempo, pensamento, etc.)

Dadas essas generalizações, é possível expandir a análise dos itens *durante*, *exceto* e *segundo* desenvolvida no presente trabalho a outras preposições/conjunções provenientes de formas latinas não-finitas. Visto que todas essas formas provêm de adjetivos deverbais de base espacial, como indicado no Quadro 1, a tarefa que se impõe é identificar os mapeamentos metafóricos que alavancaram os referidos processos de gramaticalização.

#### 6. Referências Bibliográficas

- BERLIN, B. & KAY, P. 1969. *Basic Color Terms: their Universality and Evolution*. Berkeley: University of California Press.
- CAMARA JR., J.M. 1974. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J.Ozon.

- CHOMSKY, N. 1981. **Lectures on Binding and Government** Dordrecht: Foris.
- CLARK, E. 1976. Universal Categories on the Semantics of Classifiers and Children's Early Word Meanings. In Alphonse Juillard (ed) **Linguistic Studies offered to Joseph Greenberg** (*Studia Linguistica of Philologica* 4:3). Saratoga, CA: Anna Libri, vol 3, pp 449-462.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. 1985. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DANCYGIER, B. & SWEETSER, E. 1996. **Conditionals, Distancing and Cognitive Space**. Stanford: CSLI Publications, pp. 83-98
- ERNOUT, A & MEILLET, A . 1959. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**. Paris: Librairie C. Klincksieck
- FARIA, E. 1958. **Gramática Superior da Língua Latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- FERRARI, L. V. 1997. **Gramaticalização e Polissemia nas Reduzidas de Gerúndio**. Relatório Final (CNPq - biênio 95-97).
- FAUCONNIER, G. & SWEETSER, E. eds. 1996. **Spaces, Worlds and Grammars**. Chicago: University of Chicago Press.
- FILLMORE, C. 1985. Frames and the Semantics of Understanding. **Quaderni di Semantica** 6:2, pp. 222-254.
- FILLMORE, C. 1990 a . **Epistemic Stance and Grammatical Form in English Conditional Sentences**. In Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, 137-162.
- FILLMORE, C. 1990 b. The Contribution of Linguistics to Language Understanding In Aura Bocaz, ed. **Proceedings of the First Symposium on Cognition, Language and Culture**, 109-28. Santiago: Universidad de Chile.
- FILLMORE, C., KAY, P. & O'CONNOR, C. 1988. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: the Case of "Let Alone". **Language** 63:3, 501-38.
- GIVÓN, T. 1975. Serial Verbs and Syntactic Change: Niger-Congo. In **Word Order and Word Order Change**, Charles N. Li (ed.). Austin: University of Texas Press.
- HEINE, B., CLAUDI, U. & HUNNEMEYER, F.1991. **Grammaticalization: a Conceptual Framework**. Chicago: The University of Chicago Press.
- HEINE, B. & REH, M. 1984. **Grammatical Categories in African Languages**.Hamburg: Helmut Buske.
- HOPPER, P. 1991. On Some Principles of Grammaticization. In **Approaches to Grammaticalization.**, vol. I, Traugott & Heine (eds), Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- HOPPER, P. & THOMPSON, S. A . 1984. The Discourse Basis for Lexical Categories in Universal Grammar. **Language** 60: 703-52.

- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. 1993. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press.
- LAKOFF, G.1987. **Women, Fire and Dangerous Things**. Chicago: Chicago University Press.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. 1980. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press.
- LANGACKER, R. 1987. **Foundations of Cognitive Grammar; Theoretical Prerequisites** , vol 1, Stanford, California: Stanford University Press.
- . 1991. **Foundations of Cognitive Grammar**, Descriptive Application, vol 2, Stanford, California: Stanford University Press.
- LEHMANN, C. 1982. **Thoughts on Grammaticalization: A Programmatic Sketch**. Köln: Institut für Sprachwissenschaft, Universität zu Köln.
- . 1985. **Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change**. *Lingua e Stile* 20(3) : 303-318.
- ROCHA, L.F.M. 1997. **Análise do Caráter Polissêmico do Vocabulo Latino Secundus**. Principia; Caminhos da Iniciação Científica, vol 2 . Juiz de Fora: EDUFJF.
- ROSCHE, E. 1977. **Human Categorization**. In N. Warren (ed.) *Studies in Crosscultural Psychology*. London: Academic.
- ROSS, J.R.1972. **The Category Squish: Endstation Hauptwort**. *CLS* 8: 316-28.
- SWEETSER, E. 1990. **From Etymology to Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press.
- TRAUGOTT, E. 1982. From Propositional to Textual and Expressive Meanings: Some Semantic-Pragmatic Aspects of Grammaticalization. In **Perspectives on Historical Linguistics**, W. P. Lehmann & Y. Malkiel (eds), 245-271. Amsterdam: John Benjamins.
- TRAUGOTT, E. & HEINE, B. 1991. **Approaches to Grammaticalization**. Vol I e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- TRAUGOTT, E. & KÖNIG, E. 1991. The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited. In **Approaches to Grammaticalization**, vol I, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

## Normas para apresentação de trabalhos na revista do Mestrado em Letras

1. Os textos devem ser digitados em Word 6.0, fonte Times New Roman ou similar, tamanho 12, espaço simples entre linhas e parágrafos; espaço duplo entre partes, tabelas, ilustrações, etc, e sem numeração de páginas. Estas devem ser configuradas no formato A4.
2. Os trabalhos (artigos, resenhas) deverão ser enviados em disquete 3½ (Word for Windows ou compatíveis). Os artigos deverão ter no máximo 15 páginas, resumo em português ou inglês, de no máximo 05 linhas e 03 palavras-chaves. As resenhas deverão ter, no máximo, 03 páginas.
3. A primeira página deve incluir: **a)** o título centralizado, em caixa alta e caixa baixa com negrito ou grifo; o(s) nome(s) do(s) autor(es), com letras maiúsculas somente para as iniciais, duas linhas abaixo do título à direita, com um asterisco que remeterá ao pé da página para identificação da instituição a que pertence(m) o(s) autor(es); **b)** resumo e *abstract*: colocar as palavras RESUMO e ABSTRACT em caixa alta, seguidas de dois pontos; colocar o resumo três linhas abaixo do autor ou autores e separar o ABSTRACT do resumo por espaço duplo; os textos-resumo deverão ser feitos em itálico, corpo 10, seguida de dois pontos.
4. Sub-títulos: sem adentramento, em maiúsculas, numerados em número arábico; a numeração não inclui a introdução, a conclusão e a bibliografia.
5. Notas: devem aparecer ao pé da página, utilizando-se os recursos do Word 6.0, corpo 10 e numeradas na ordem de aparecimento; a chamada, o número referente à nota, deve estar sobrescrito; os destaques (livros, autores, artigos, categorias, etc) devem ser dados em itálico e/ou negrito, conforme a necessidade.
6. Referências bibliográficas: seguir normas da ABTN.
7. Anexos: caso existam, devem ser colocados antes das referências bibliográficas, precedidos da palavra ANEXO, sem adentramentos e sem numeração.

